

# O presente do rabino

por M. Scott Peck



A história é sobre um mosteiro que passava por tempos difíceis. Antes uma grande ordem, como resultado de ondas de perseguição anti-monástica nos séculos XVII e XVIII e a ascensão do secularismo no século XIX, perderam-se todas as suas sucursais e ficou dizimado ao ponto de restarem apenas cinco monges na decadente casa mãe: o Abade e mais quatro, todos com mais de 70 anos. Claramente era uma ordem a morrer.

Nos bosques profundos em torno do mosteiro havia uma pequena cabana que o Rabino duma cidade vizinha usava ocasionalmente como romaria. Pelos seus muitos anos de oração e de contemplação, os velhos monges tinham-se tornado um pouco médiuns, por isso sentiam sempre quando o Rabino estava na sua romaria. "O Rabino está na floresta, o Rabino está outra vez na floresta", murmuravam uns para os outros. A agonizar com a morte iminente de sua ordem, ocorreu ao Abade visitar a romaria numa dessas ocasiões e perguntar ao Rabino se, por acaso, ele poderia dar algum conselho que pudesse salvar o mosteiro.

O Rabino recebeu o Abade na sua cabana. Mas quando o Abade lhe explicou o propósito da sua visita, o Rabino apenas pode solidarizar-se com ele.

"Eu sei como é", explicou. "O espírito saiu do povo. É o mesmo na minha cidade. Quase ninguém vai à sinagoga." Então o velho Abade e o velho Rabino choraram juntos. Leram partes da Torá e tranquilamente falaram de coisas profundas. Chegou a hora do Abade partir. Abraçaram-se. "Foi maravilhoso encontrar-nos depois de todos estes anos", disse o Abade, "mas falhei no propósito que me fez vir aqui. Não há nada que me possa dizer, nenhum conselho que me possa dar que me ajude a salvar a minha ordem da morte?"

"Não, sinto muito", respondeu o Rabino. "Não tenho nenhum conselho para dar. A única coisa que lhe posso dizer é que o Messias é um de vocês."

Quando o Abade regressou ao mosteiro, os seus colegas monges reuniram-se à sua volta para lhe perguntar: "bem, o que disse o Rabino?"

"Ele não pôde ajudar", respondeu o Abade. "Apenas choramos e lemos a Torá juntos. A única coisa que ele disse, quando eu ia a sair - foi algo enigmático - foi que o Messias é um de nós. Não sei o que ele quis dizer."

Nos dias e semanas e meses que se seguiram, os velhos monges refletiram sobre aquilo e perguntaram-se se haveria algum significado possível para as palavras do Rabino. O Messias é um de nós? Poderia ele estar a referir-se a um de nós monges aqui no mosteiro? Se assim fosse, a qual deles? Será que ele quis dizer o Abade? Sim, se quis dizer alguém, provavelmente era o padre Abade. É o nosso líder há mais de uma geração. Por outro lado, ele poderia estar a referir-se ao irmão Thomas. Seguramente o irmão Tomás é um homem santo. Toda a gente sabe que Thomas é um homem de luz. Seguramente não poderia estar a referir-se ao irmão Elred! O Elred fica rabugento por vezes. Mas pensando nisso, mesmo que ele seja espinhoso com as pessoas, vendo bem, o Elred está virtualmente sempre certo. Muitas vezes muito certo. Talvez o Rabino se referisse ao irmão Elred. Mas certamente não ao irmão Philip. Philip é tão passivo, um verdadeiro ninguém. Mas então, quase misteriosamente, ele tem o dom de alguma forma estar sempre lá para quando se precisa dele. Magicamente aparece ao nosso lado. Talvez o Philip

seja o Messias. Claro que o Rabino não se referia a mim. Ele não poderia de modo nenhum ter-se referido a mim. Eu não passo duma pessoa comum. Ainda assim, supondo que o fez? Supondo que eu seja o Messias? Oh Deus, eu não. Eu não poderia ser tão importante para ti, ou poderia?

Meditando dessa maneira, os velhos monges começaram a tratar uns aos outros com um extraordinário respeito na remota possibilidade de que um deles pudesse ser o Messias. E, na ainda mais remota possibilidade de que cada monge pudesse ser ele próprio o Messias, começaram a tratar a si mesmos com um respeito extraordinário.

Como a floresta onde estava situado era bela, as pessoas ainda vinham ocasionalmente visitar o mosteiro para fazer um piquenique no seu pequeno relvado, para vaguear por alguns dos seus caminhos, de vez em quando até mesmo para entrar na dilapidada capela para meditar. Ao fazê-lo, sem mesmo terem consciência disso, sentiam aquela aura de extraordinário respeito que agora começara a rodear os cinco velhos monges e que parecia irradiar deles e permear a atmosfera do lugar. Havia algo de estranhamente atrativo, até mesmo irresistível. Dificilmente sabendo o porquê, começaram a voltar ao mosteiro mais frequentemente para fazer piqueniques, brincar, orar. Começaram a trazer os seus amigos para lhes mostrar esse lugar especial. E os seus amigos trouxeram os amigos deles.

Então alguns dos homens mais jovens que vieram visitar o mosteiro começaram a conversar cada vez mais e mais com os velhos monges. Passado um tempo, um perguntou se poderia juntar-se a eles. Então outro. E mais outro. E assim, dentro de poucos anos, o mosteiro voltou a ser uma ordem próspera e, graças ao presente do Rabino, um vibrante centro de luz e espiritualidade no reino.

M. Scott Peck, MD é o autor do best-seller inovador, *A Trilha Menos Percorrida* (*The Road Less Traveled*), publicado pela primeira vez em 1978. Em *The Different Drum: Community Making and Peace* (1987, sem tradução para o português), explora o papel da civilidade nas relações pessoais e na sociedade. Formado pela Universidade de Harvard e pela Case Western Reserve, o Dr. Peck serviu no Corpo Médico do Exército antes de ter um consultório privado em psiquiatria. Durante os últimos 20 anos de sua vida, dedicou uma grande parte de seu tempo e recursos financeiros ao trabalho da Foundation for Community Encouragement, uma organização sem fins lucrativos que ele ajudou a fundar em 1984. Veja a gravação no YouTube do Presente do Rabino, narrada pelo próprio M. Scott Peck, disponibilizado pela Community Building Institute.